



Roland Barthes na revista *Língua e Literatura* (USP)

Laura Taddei Brandini¹

1 Professora na Universidade Estadual de Londrina. Contato: laura@uel.br

RESUMO

Este artigo visa descrever e analisar a recepção às obras de Roland Barthes na crítica universitária paulista tendo como *corpus* a revista uspiana *Língua e Literatura*, criada em 1972 e ainda em circulação. A seleção dos conceitos barthesianos presentes nos artigos da revista evidencia a dinâmica que rege a percepção da imagem de Barthes em cada momento histórico brasileiro desde a criação da revista: de líder do estruturalismo, nos anos 1970, a libertário pós-moderno, nos anos 2000, apontando não só para uma diferença de valorização de seus escritos, como também para a mudança de perfil dos críticos acadêmicos.

PALAVRAS-CHAVE

Roland Barthes; Estudos de Recepção; Relações Brasil-França; Crítica; Literatura Comparada.

ABSTRACT

This article aims to describe and analyze the reception to the works of Roland Barthes in São Paulo's academic criticism. To achieve this goal, we study articles published in University of São Paulo's journal *Língua e Literatura*, established in 1972 and still in circulation. The selection of Barthes' concepts in articles from the magazine highlights the dynamics that governs the perception of the image of the French writer in every Brazilian historical moment: from leader of structuralism, in the 70s, to the post-modern libertarian in the 2000s, we can not only see a difference in the appreciation of his writings, but also a change of the profile of academic critics.

KEYWORDS

Roland Barthes; Reception Studies; Relations between Brazil and France; Criticism; Comparative Literature.

76

Mesmo nunca tendo feito a tão acalentada viagem ao Brasil, como atesta a correspondência trocada com Leyla Perrone-Moisés (2012), Roland Barthes dialogou, por meio de suas obras, com inúmeros intelectuais brasileiros, criando um verdadeiro emaranhado de vozes, no qual se misturam os dizeres dos intelectuais leitores com os do escritor. A leitura dos Textos de Barthes ensejou escritas, alimentando reflexões, suscitando questões, oferecendo respostas, criando confusões, promovendo discussões.

Todo esse vozerio em torno e a partir de Barthes teve, na década de 1970, seu momento mais intenso. O lançamento da primeira tradução de um livro do escritor, *Crítica e verdade*, acompanhada de uma seleção dos *Ensaios críticos*, de autoria de Leyla Perrone-Moisés, em 1970, abriu caminho para outras iniciativas tradutológicas, resultando nas publicações de *O grau zero da escritura*, *Elementos de semiologia* e *Análise estrutural da narrativa* (1971), *Mitologias* (1972), *O Prazer do texto e Roland Barthes por Roland Barthes* (1977), bem como *Sistema da moda* (1979). Às exceções dos livros traduzidos em 1977, todas essas obras testemunham o entusiasmo de Barthes pela linguística, seja em sua forma saussuriana (*O grau zero da escritura*, *Mitologias*), semiológica (*Elementos de semiologia*) ou simplesmente estruturalista (*Análise estrutural da narrativa*, *Sistema da moda*). Em função da repercussão dos debates franceses e, sobretudo, por causa das escolhas

tradutórias, Barthes, nesse período, é indissociável do estruturalismo e, em sua própria expressão e para seu desgosto, é a “*imagem da semiologia*” (Barthes, 2002, v. 4, p. 522).

O fácil acesso a tais livros, uma vez publicados em português no Brasil, permitiu que, por um lado, as ideias de Barthes fossem amplamente divulgadas e discutidas. Nos jornais, na maior parte das vezes, tais discussões tornaram-se ataques, que tinham em sua mira a linguagem estruturalista. As obras do escritor, então conhecidas, eram debatidas – quando não simplesmente demolidas – enquanto pertencentes a uma escola crítica: menos por suas qualidades e defeitos, ou pela particularidade de seu estruturalismo, chamado de “ondulante e sutil” por François Dosse (2007, v. 1, p. 117), que por seus pontos comuns a um certo estruturalismo, de linguagem pedante e inacessível.

Por outro lado, o estruturalismo e seu líder, Roland Barthes, representavam uma alternativa objetiva para as análises literárias, fortemente apoiadas em uma metodologia científica. Em outras palavras, tratava-se de uma abordagem do texto literário distinta das práticas até então correntes, que iam do subjetivismo herdado de um romantismo e de um simbolismo tardios, à compreensão da literatura enquanto um sistema composto pela tríade autor-obra-leitor, cunhada por Antonio Candido em *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos* (1959). A concepção imanente da obra literária e a possibilidade de sua dissecação, peça por peça, desvelando pistas interpretativas em cada morfema ou fonema, fascinavam muitos dos jovens professores universitários dessa época.

Pelas vias tortas do atacado estruturalismo, as obras do escritor francês, portanto, entraram nas universidades brasileiras e passaram a fazer parte das bibliografias dos cursos, como manuais de análise literária, sobretudo *Análise estrutural da narrativa* e *Elementos de semiologia*. Seus conceitos passaram a ser testados e discutidos não só em salas de aula, mas também em artigos acadêmicos. Pois com o fortalecimento dos departamentos de Letras, nessa mesma década de 1970², nasceram as revistas especializadas, dentre as quais *Língua e Literatura*, da Universidade de São Paulo.

Criada em 1972, a revista teve como principais responsáveis (editores e organizadores) os professores Erwin Theodor Rosenthal, Isaac Nicolau Salum e Segismundo Spina, tendo sido o primeiro periódico acadêmico da Universidade de São Paulo dedicado aos estudos linguístico-literários. Assim, *Língua e Literatura* nasceu

2A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, um dos núcleos centrais da Universidade de São Paulo, tornou-se, em 1970, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, pois as ciências exatas e biológicas, que antes faziam parte dessa unidade, foram desmembradas em diversos institutos e faculdades. Consequentemente, as Humanidades reafirmaram sua autonomia no seio da universidade e os três departamentos de Letras, nos anos de 1980 e 1990, expandiram-se, dividindo-se em cinco departamentos: de Letras Clássicas e Vernáculas, de Letras Modernas, de Linguística, de Letras Orientais, de Teoria Literária e Literatura Comparada. A Universidade de Campinas, fundada em 1966, criou, dez anos depois, o Instituto de Estudos da Linguagem, dedicado aos estudos linguísticos e literários, originário do Departamento de Linguística do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

A Universidade Estadual Paulista, criada em 1976, absorveu faculdades e institutos de ensino superior de cidades no interior do Estado, dentre os quais a antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da cidade de Assis, que se tornou Faculdade de Ciências e Letras, importante centro de estudos literários. A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, fundada em 1948, implantou um ciclo básico para as Humanidades em 1971, integrando os diversos cursos de ciências humanas, como o de Letras, que existia desde 1937, na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento, incorporada à universidade. Portanto, na década de 1970, todas as grandes universidades do Estado de São Paulo viram o espaço destinado às Letras – e consequentemente aos estudos literários – expandir-se e tornar-se independente das outras ciências e áreas do conhecimento.

para divulgar os trabalhos dos docentes dos departamentos de Letras, à época, apenas três – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Departamento de Letras Modernas e Departamento de Linguística e Letras Orientais. Posteriormente foram criados o Departamento de Letras Orientais (1986), que se separou do Departamento de Linguística, e o Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada (1990). Inicialmente anual, a revista contou com alguns números temáticos e, com passar do tempo, sua periodicidade tornou-se irregular. Depois de nove anos de eclipse (de 2000 a 2009), e sua recentemente retomada, *Língua e Literatura* credencia-se como amostra de crítica universitária por ter sido criada no momento de consolidação dos estudos linguísticos e literários no Brasil. Naquela época, por serem ainda raros os espaços dedicados exclusivamente à produção acadêmica – até então, a única revista universitária paulista existente na área de Letras era a *Revista de Letras da Unesp*, fundada em 1960 –, *Língua e Literatura* oferece uma rica amostra da produção dos docentes e pesquisadores da Universidade de São Paulo, com 25 artigos que citam Barthes. A proposta do presente trabalho é apresentar o percurso do pensamento barthesiano dentro do meio acadêmico paulista através da análise do *corpus* extraído da revista *Língua e Literatura*. Para tanto, foram selecionados e serão descritos e analisados os artigos mais representativos da presença das teorias do escritor francês no periódico, num trabalho de forte cunho histórico, que busca, ao mesmo tempo, mapear uma pequena parte da história da crítica brasileira e determinar nela o papel de Barthes.

Diferentemente da maioria da produção crítica veiculada na imprensa de massa, os artigos publicados em revistas universitárias são destinados a um público exclusivo da universidade. Consequentemente, trata-se de textos densos, que versam sobre assuntos bastante específicos e limitados a estudos linguísticos e literários. Estes, muitas vezes, não se furtam a seu caráter exploratório, quando são, em sua origem, trabalhos de aproveitamento para disciplinas de pós-graduação, comunicações apresentadas em eventos, partes de relatórios de pesquisa ou de dissertações de mestrado e teses de doutorado. Ou seja, devido a sua característica ensaística e a sua circulação, restrita entre pares, os textos encontrados em *Língua e Literatura* são frutos da “inquietação experimentada” por seus autores “antes e depois da escrituração de um texto”, como escreve Carlos Alberto da Fonseca, autor de um dos textos selecionados (1975, p. 34): estes são, portanto, experimentos e exercícios de reflexão.

Nesse ambiente, Barthes é figura bastante frequente, pois aparece em 16 dos 29 números da revista, na periodização que este artigo abrange, de 1972 até 2011, por vezes em vários textos de um mesmo número. Para melhor visualização dos dados, eles foram dispostos cronologicamente na tabela a seguir³:

3 Na coluna sobre as obras citadas de Barthes, estas são referidas nos idiomas em que foram citadas, constando em português as advindas de edições portuguesas e brasileiras. Entre parênteses, os livros em que foram publicados os ensaios mencionados.

TÍTULO DO ARTIGO	ANO DE PUBLICAÇÃO DO ARTIGO	TEXTO CITADO: ROLAND BARTHES DE...
Les modes de l'action dans <i>Le Rouge et le Noir</i>	1972	"Introduction à l'analyse structurale des récits"
Há cavalos noturnos: mel e fel	1973	<i>O grau zero da escritura</i>
Narração e metalinguagem em <i>Grande Sertão: Veredas</i>	1973	"Introduction à l'analyse structurale des récits", <i>O grau zero da escritura</i> , <i>Elementos de semiologia</i> , "L'Effet de réel"
Fábula e trama	1974	"Introduction à l'analyse structurale des récits"
O signo entre o texto e o contexto (projeto de uma análise integral)	1975	<i>O grau zero da escritura</i> , <i>Mitologias</i> , <i>Crítica e verdade</i> , <i>O prazer do texto</i>
Os índices da peça de teatro: <i>Deus lhe pague</i>	1975	<i>Elementos de semiologia</i>
Um projeto de Pierre Menard	1975	"Introdução à análise estrutural da narrativa", "O efeito de real" (via <i>Literatura e semiologia</i>)
Psychanalyse et traduction	1975	<i>Mythologies</i> , <i>Le Plaisir du texte</i>
Em Camões e nos poetas inconfidentes: uma questão de tópica e/ou de influência literária	1976	<i>O Grau zero da escritura</i>
"Do prazer e do divertimento – Estudo sobre Barthes e Palazzeschi"	1977	<i>Le plaisir du texte</i> , <i>O Prazer do texto</i>
Tres Novelitas burguesas y lo aleatório de los eventos	1978	<i>O Prazer do texto</i> , "Sociología y socio-lógica"
Mestre em tempo do contra	1979	"Escritores, intelectuais, professores"
Algumas reflexões sobre os modelos em linguística	1980	<i>Le Degré zéro de l'écriture</i> , <i>Éléments de sémiologie</i>
A Escritura de Günter Eich enquanto epifania	1980	<i>Crítica e verdade</i>
La jouissance singulière de Swann et l'apetite phrase de Vinteuil	1986	<i>Le Plaisir du texte</i>
Borges e Drummond em seita blasfema: a Biblioteca e a Torre	1987-1988	<i>Aula</i>
Roland Barthes e a escrita fragmentária	1989	<i>Roland Barthes por Roland Barthes</i> , <i>Incidentes</i> , <i>A Câmara Clara</i> , <i>Fragments de um discurso amoroso</i>
Correspondências	1989	<i>Mythologies</i> , "Diderot, Brecht, Eisenstein"
Jorge Luis Borges: o sentido latente no leitor	1992-1993	<i>O Rumor da língua</i>

TÍTULO DO ARTIGO	ANO DE PUBLICAÇÃO DO ARTIGO	TEXTO CITADO: ROLAND BARTHES DE...
A pessoa subvertida	1994-1995	<i>Roland Barthes par Roland Barthes</i>
“Não diferem o historiador e o poeta...” O texto histórico como instrumento e objeto de trabalho	1996	“O efeito do real” (via <i>O Rumor da língua</i>)
Texto como enunciação. A abordagem de Mikhail Bakhtin	1996	“Da obra ao texto” (via <i>O rumor da língua</i>)
Representação das linguagens sociais no romance: desencontro cultural e ideológico em <i>São Bernardo</i> , de Graciliano Ramos	1996	“A divisão das linguagens” (via <i>O Rumor da língua</i>)
Digressão: palavra desviante ou estratégia argumentativa?	1997	“A retórica antiga”

A leitura dos textos, sistematizada na tabela, mostra três momentos distintos da presença de Barthes em *Língua e Literatura*: um período inicial, de 1972 até 1975 ou 1976; um período intermediário, situado entre 1975 e meados dos anos 1980; e um do final desta década em diante.

No período inicial, imperam *Análise estrutural da narrativa*, *O grau zero da escritura* e *Elementos de semiologia*, em edições francesas ou mesmo brasileiras, lembrando que esses livros foram traduzidos em 1971. Barthes aparece como referencial teórico das análises linguísticas e literárias e é apenas citado como autor de conceitos operatórios para as leituras propostas. Sua função nos textos, portanto, é a de oferecer um ponto de partida e/ou referendar reflexões dos autores. Pois, na universidade, nessa época, o escritor era o grande representante da semiologia e suas obras, em especial as três referidas, eram os manuais de análise mais em moda – graças, também, a sua disponibilidade no país, proporcionada pelas traduções.

Dando razão aos muitos críticos do estruturalismo que atacaram veementemente sua linguagem, alguns dos textos encontrados abusam do jargão linguístico, como “Há cavalos noturnos: mel e fel” (1973), em que Lídia Neghme Echeverría analisa o poema de Jorge de Lima de mesmo título. No ensaio, a autora emprega uma terminologia de difícil acesso aos não-iniciados, mesmo quando esta não implica o uso de conceitos específicos. Numa análise sintagmática do poema, escreve sobre o primeiro verso, “HÁ CAVALOS noturnos: mel e fel”:

Percebemos que é no primeiro verso que se configuram os núcleos sêmicos diferenciais, sob o ponto de vista tanto do conteúdo quanto da expressão. Isto é assim porque embora os semas “mel” e “fel” sejam, sintaticamente, equivalentes, apresentam uma marca diferencial que os opõe, tanto semiologicamente quanto fonematicamente. (ECHEVERRÍA, 1973, p. 35)



Echeverría lança mão do conceito de **sema** da semântica estrutural de Greimas (*Semântica estrutural*, 1966), aliado aos conceitos de Hjelmslev de **conteúdo** e de **expressão** (*Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, 1968), sem citar os autores explicitamente, modalizados por advérbios que evocam a semiologia e a fonemática, para destacar a oposição entre “mel” e “fel”, tanto do ponto de vista fonético, quanto conteudístico. Será que para fazer tal observação era mesmo preciso evocar Greimas, Hjelmslev, a Semiologia e a Fonemática? Claro que não, mas como era comum entre os intelectuais, naquele tempo, a autora demonstra dominar o linguajar científico que um artigo acadêmico poderia exigir.

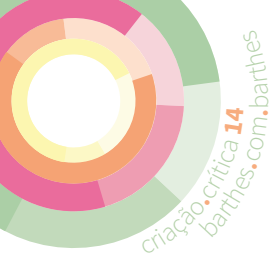
Restringir-me-ei à passagem citada para não incorrer em repetições, uma vez que mais exemplos de mesma natureza se multiplicam no texto de Echeverría e em muitos outros do *corpus* de *Língua e Literatura*. Barthes, nos artigos e ensaios, alimentava esse linguajar com seus manuais de análise semiológica e estruturalista. Contudo, em meio ao mar de conceitos, notei uma tendência no uso das citações das obras do escritor francês: ao contrário do que uma leitura apressada do material pode dar a entender, em várias vezes, Barthes é citado como o autor de conceitos que não corroboram o estruturalismo mais ortodoxo, do texto fechado em si mesmo. Os autores parecem pinçar em suas obras definições que apontam para uma abertura em direção ao contexto, à história, aos referentes, anunciando o arrefecimento do estruturalismo enquanto produtor de modelos analíticos rígidos e a procura por outras chaves a partir das quais ler seus objetos.

No próprio texto de Echeverría, já mencionado, campeão de “terrorismo terminológico”, segundo expressão largamente empregada na imprensa da época para se referir à linguagem estruturalista, a autora cita a definição de Barthes de *escritura*, de *O grau zero da escritura*, na introdução da análise:

Esta abordagem retoma ainda a ideia de “escritura” de Roland Barthes, já que, segundo esse teórico, a escritura como ato de solidariedade histórica “é uma função: é uma relação entre criação e sociedade, é a linguagem literária transformada por sua destinação social, é a forma apreendida na sua intenção humana e ligada assim às grandes crises da História”. (ECHEVERRÍA, 1973, p. 31)

Ao invés de buscar na obra de Barthes uma descrição da *escritura* como linguagem autorreferente, liberta do peso histórico que o termo literatura tinha até meados dos anos 1960, e que se coadunaria em sua leitura estruturalista do poema de Jorge de Lima, a autora escolheu citar um trecho de *O grau zero da escritura* que trata do caráter social e histórico do conceito. Coerente com sua análise é que, na parte final, abre-se para captar elementos externos à obra e a sua linguagem a fim de compor a interpretação.

O sentimento de insuficiência do modelo analítico estruturalista da década de 1960 parece incomodar ao menos parte dos intelectuais que publicaram seus



textos na revista, na primeira metade da década seguinte. Dentre os vários autores que combinaram às leituras imanentes a busca por uma interpretação que lançasse mão de elementos exteriores ao texto, Carlos Alberto da Fonseca foi o mais ousado. Em “O Signo entre o texto e o contexto (projeto de uma análise integral)” (1975), propõe-se a superação do modelo estruturalista por uma “análise integral”, que combinasse a leitura cerrada da obra literária com sua abertura para os elementos contextuais. Nas palavras do autor,

A abertura analítica oferecida por este tipo de trabalho ultrapassa os limites da descrição estruturalista e se vê ampliada por uma interpretação de intenção globalizante, que se afirma sobre a inteligência dos signos (sistema linguístico) – especificando sua manipulação como constituintes de um texto (sistema semiológico) – e se volta, pela mediação estabelecida no interior deste texto, para a captação dos valores ideológicos do contexto exterior à obra, procurando estabelecer, até, uma dimensão mítica possível na transposição deste contexto (um objeto neutro a ser manejado conforme escolhidos instrumentos de composição) para um espaço literário próprio – o texto (um objeto individualizado). (FONSECA, 1975, p. 46)

Sua justificativa parece resumir os anseios por novos ares entrevistados, aqui e ali, por vezes escondidos em meio a enxurradas de termos linguísticos e conceitos, nos artigos e ensaios desses primeiros anos de *Língua e Literatura*. O estruturalismo ortodoxo aos poucos foi perdendo espaço e um outro Barthes passou a frequentar os textos da revista, num período intermediário, até meados da década de 1980. Nesse interstício, a descoberta d’*O prazer do texto*, então recentemente traduzido no Brasil, em 1977, passou a responder majoritariamente pelas citações do escritor francês, refletindo a busca por novas perspectivas analíticas. A estrutura dos objetos – textos literários e *corpora linguísticos* – cedia seu protagonismo aos efeitos provocados pela leitura, fazendo emergir, junto do olhar psicanalítico sobre a literatura, questões sobre prazer, gozo e fruição.

Nesse período de transição, o autor d’*O prazer do texto* novamente é citado de maneira operatória, invariavelmente para fornecer suas definições de texto, de prazer e de gozo. Isso ocorre no âmbito de leituras fortemente apoiadas na psicanálise lacaniana, como “Psychanalyse et traduction” [Psicanálise e tradução] (1975) e “La Jouissance singulière de Swann et la petite phrase de Vinteuil” [O gozo singular de Swann e a pequena frase de Vinteuil] (1986), de Philippe Willemart. Por exemplo, neste último artigo, cujo foco é o gozo do personagem de *Em Busca do tempo perdido*, com a ajuda de Barthes, o autor fixa a base sobre a qual vai trabalhar: “Há, portanto, um gozo primeiro a despir, e gozo não é prazer, Barthes os distingue cuidadosamente. Enquanto o prazer diz respeito à cultura, ao que é confortável e aos reencontros, o gozo transborda, quebra e suspende: ‘o prazer em pedaços; a língua em pedaços; a cultura em pedaços’.” (1986, p. 165, trad. nossa).

Para além da fundamentação teórica necessária a uma abordagem nova e psicanalítica do texto, a definição de texto de gozo evocada pelos autores dos textos publicados em *Língua e Literatura* com frequência foi empregada sob o ângulo da contestação e da subversão de concepções tradicionais. O que se justifica como sintoma da vontade de romper com os preceitos estruturalistas e caminhar rumo a noções mais amplas e menos limitadoras da leitura dos objetos, sobretudo os literários. Pois nessa época decresce a presença de Barthes nos artigos e ensaios de temas linguísticos, para quase desaparecer: uma consequência não só do esgotamento do interesse por obras como *Elementos de semiologia* e “Introdução à análise estrutural da narrativa”, mas também da guinada personalista da obra do escritor nos anos 1970, menos passível de aproveitamento em reflexões sobre questões de ordem mais técnica.

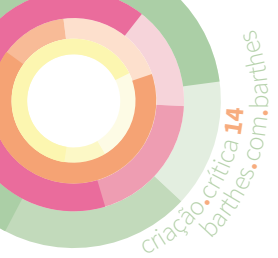
A procura pelo autor que situou, no prazer hedonista, o potencial subversivo do texto literário colocou Barthes na introdução de “Do Prazer e do divertimento – estudo sobre Barthes e Palazzeschi” (1977), de Aurora Fornoni Bernardini. Diferentemente do que seu título indica, o artigo não é em nenhuma medida um estudo sobre Barthes, mas emprega sua compreensão de prazer como *a priori* crítico para desenvolver reflexões sobre o “divertimento” na obra do poeta italiano Aldo Palazzeschi:

Um desses aspectos [das possíveis acepções do termo fruição, por Barthes], um tipo particular de fruição, portanto, intervém de maneira singular quando o texto é libertado (pelo leitor) dos *imaginários da linguagem* (a palavra como unidade singular, mônada mágica; a fala como instrumento ou expressão do pensamento; a escrita como transliteração da fala; a frase como medida lógica, fechada; a própria carência ou recusa de linguagem como força primária, espontânea, pragmática). (PALAZZESCHI, 1977, p. 37)

83

O foco sobre o poder libertador da “fruição”, da *jouissance* [gozo], no termo de Barthes, coloca-o em oposição aos “imaginários da linguagem” elencados pela autora. Já Lidia Neghme Echeverría amplia esse uso, em “Tres Novelitas burguesas y lo aleatorio de los eventos” (1978), ao estudar contos de José Donoso. Em seu artigo, a autora escreve:

Una redundancia de las “novelitas” de Donoso revela que un objeto artístico (canción, cuadro y, aquí música de Ravel) injerta acontecimientos aleatorios. Se unen los lenguajes musicales y plásticos a la referencia de alienaciones y subversiones del mundo. Esta ambivalência señala la modernidad, según Barthes: el ángulo subversivo señala “el lugar de una perdida, de una hendidura, el corte, el *fading* que se apodera del sujeto en la cima de la frucción”. (ECHEVERRÍA, 1978, p. 170)



A autora relaciona o mecanismo narrativo dos contos de Donoso – um elemento extra-literário, como a música, engendra os acontecimentos que compõem o enredo – à modernidade, e recorre ao escritor francês, por meio de sua definição de texto de gozo. O lugar da perda, da fissura, a ruptura com o esperado, que provoca o gozo, é também o lugar da pós-modernidade, nos anos 1980, marcando a presença de Barthes em *Língua e Literatura* do final dessa década em diante.

Essa pós-modernidade aberta a novas linguagens, na revista, acaba por relegar o teórico estruturalista ao segundo plano e as citações ao escritor francês começam a ser empregadas de modo mais diversificado, à medida que sua nova face se consolida no Brasil: num intervalo de poucos anos, Barthes passa de referência estruturalista, a “pai” do textualismo. Tal mudança de enfoque deve muito à circulação no Brasil da nova concepção de “Texto” e suas implicações para os estudos literários.

Debruça-se sobre o assunto Fabio Akcelrud Durão, discutindo o papel da Teoria nos estudos literários, em seu *Teoria (literária) americana: uma introdução crítica* (2011). Nesse livro, o autor trata da vertente “textualista” que reinou nos Estados Unidos nas décadas de 1970 e 1980 e que também teve saída no Brasil do mesmo período. Segundo Durão, o ponto de vista “textualista” concebe a cultura como texto, multiplicando os objetos da Teoria e fazendo dela “literária”, por se ocupar de textos, ao mesmo tempo em que deixa de sê-lo, pois qualquer coisa pode ser vista como texto, como por exemplo, séries televisivas, hábitos culturais, eventos etc. (2011a, p. 54). Ressalto que tal renovação se iniciara com o advento da semiologia, nos anos 1970, que se tornou ferramenta para todo tipo de análise, elevando narrativas até então consideradas “menores”, como novelas, quadinhos, propagandas e até mesmo comportamentos sociais, à categoria de objetos de estudo⁴. Os primórdios do “textualismo”, então, remontam a essa época, e devem aos ensaios de Barthes “A morte do autor” (1968) e, sobretudo, “Da obra ao texto” (1971), sua teorização e defesa.

Neste ensaio fundamental para os estudos literários que é “Da obra ao texto”, o escritor francês opõe à concepção tradicional de obra literária – na França da época, ainda muito devedora de princípios oriundos do século XIX – sua compreensão de “Texto”, objeto plural e infinito, de onde emanam significações as mais diversas, construídas a cada ato de leitura. Um espírito libertário, portanto, governa o Texto segundo Barthes, que substitui as intrincadas relações estruturais pelo ecumenismo conciliador capaz de tudo abarcar.

Como consequência dessa mudança de ares nos domínios da Teoria literária, o mesmo Fabio Akcelrud Durão, em sua crítica ao ensaio de Barthes, intitulada “Do Texto à Obra” (2011), defende o restabelecimento do conceito de “Obra”, revigorado por ter em sua base as qualidades das grandes obras literárias. Enumerando os problemas contidos no conceito barthesiano de “Texto”, escreve:

⁴O próprio Barthes, em *Mitologias* (1957), oferece muitos exemplos de análises de objetos não-literários, como a competição ciclística Volta da França ou as propagandas de sabão em pó, por exemplo, fundadas na linguística saussuriana.



Por fim, o conceito de Texto trouxe consigo a *possibilidade de sua extrapolação*. A forma como foi apropriado posteriormente, como espaço de plena liberdade e abundância *a priori* – ignorando o aspecto destruidor do gozo ao qual se relaciona – presente em todo e qualquer artefato, não representou apenas um enfraquecimento e diluição, mas correspondeu à potencialização de forças no interior do próprio conceito. O impulso proliferante da textualidade foi rapidamente institucionalizado e incorporado à máquina universitária/jornalística de produção de textos. (2011b, p. 74).

Dentro da nova concepção mencionada pelo autor, não estou certa de que a ampliação dos territórios abrangidos pelo Texto tenha causado o esvaziamento do conceito. Por que não pensar em seu fortalecimento, uma vez que seus poderes foram aumentados? Fico com a constatação de que seu alargamento de horizontes propiciou um uso mais amplo, ultrapassando as fronteiras do literário no sentido tradicional e, com isso, contribuindo para propulsionar Barthes para outros campos do conhecimento.

Em *Língua e Literatura*, revista evidentemente restrita às áreas de Letras e Linguística, essa outra faceta de Barthes não aparece sob a variedade de formas às quais seu pensamento foi aplicado desde os anos 1970, devido ao campo específico em que se situa esse *corpus*. No entanto, no contexto da revista, o horizonte barthesiano se alarga consideravelmente na década subsequente e as obras citadas se diversificam, tendo repercussão, sobretudo, *O rumor da língua*, tradução de 1988 de *Le bruissement de la langue* (1984). Nessa coletânea de ensaios, têm lugar textos bem diversos, alguns de cunho ainda estruturalista, outros já de ruptura, outros ainda sobre a imagem. François Wahl, responsável pela seleção e edição do livro, sintetiza: “Quase tudo trata, nesta última coletânea que se apresenta, da linguagem e da escrita literária ou, melhor dizendo, do prazer que se deve ao texto” (1984, p. 8, trad. nossa). Em outras palavras, a linguagem, sob diferentes formas, imagem ou Texto, é a protagonista do livro e nos artigos e ensaios de *Língua e Literatura* ela também tem papel de destaque, revelando o interesse dos universitários pelas reflexões de Barthes do pós-estruturalismo e da pós-semiologia nessa seara. Interesse, aliás, manifestado pela tradução da obra, que foi publicada no Brasil apenas quatro anos após seu lançamento na França, antes mesmo de outras coletâneas póstumas, como *O grão da voz* (1981), traduzida em 1995, *Ensaios críticos III. O óbvio e o obtuso* (1982), traduzida em 1990 e *A aventura semiológica* (1985), traduzida em 2001.

Nos artigos e ensaios publicados na revista, as citações d’*O rumor da língua* são, em geral, bem pontuais, servindo como referência para ratificar uma informação fornecida pelo autor do texto. Por exemplo, em “Jorge Luis Borges: o sentido latente no leitor” (1992-1993), de Maria Helena da Nóbrega, sobre a desconstrução do conceito de autoria enquanto ideia unificadora dos sentidos de um texto na obra de Borges e o papel do leitor na construção dos sentidos do texto literário. Nesse artigo, a autora lança mão

de trecho de “A morte do autor” para definir a escritura como neutro e, portanto, destituída de origem, bem como de citação de “Da leitura”, para fundamentar suas reflexões sobre a relação íntima entre o leitor e o livro.

Em *Língua e Literatura*, ainda se reflete o interesse por outros temas tratados por Barthes em ensaios e artigos que circulavam, entre as décadas de 1970 e de 1990, por meio de outras edições que não *O rumor*. Assim, Teresa Pires Vara, em “Correspondências” (1989), ao analisar o filme *A festa de Babette* (1987), faz breve alusão a “Diderot, Brecht, Eisenstein”, publicado originalmente em 1973 e, depois, em *Ensaaios críticos III. O óbvio e o obtuso* (1982). E Maria Lúcia Andrade, em estudo histórico sobre a digressão e sua presença na obra de Cícero, “Digressão: palavra desviante ou estratégia argumentativa?” (1997), alude a “L’ancienne rhétorique. Aide-mémoire”, longo ensaio de Barthes sobre o tema, publicado em 1970 e republicado em *A aventura semiológica* (1985). A autora o cita apenas na bibliografia, traduzido como “A retórica antiga”, na coletânea *Pesquisas de retórica*, de Jean Cohen *et alii* (1975).

As informações encontradas nos textos da revista permitem comprovar a circulação de textos e ideias de Barthes os mais variados, muito ao sabor das publicações brasileiras de suas obras. Contudo, há um ponto comum a tantas citações empregadas em textos distintos, sobre linguística e literatura: o abandono, nesse último período do *corpus*, do Barthes estruturalista. Tendo sido substituído pelo escritor textualista, ou pelo teórico da morte do autor e da ascensão do leitor ao posto de protagonista, ou pelo interessado em cinema, ou ainda pelo estudioso da retórica, o Barthes dos anos 1960 parecia definitivamente morto para a academia. E despontava, entre os anos 1980 e 1990, o escritor que nos anos 2000 seria consagrado pela crítica universitária: o subvertor da doxa.

Em “Borges e Drummond em seita blasfema: a biblioteca e a torre” (1987-1988), Maria do Carmo Campos faz uma análise comparativa do conto de Borges, “A biblioteca de Babel”, e do poema de Drummond, “A torre sem degraus”. Nesse poema, o eu-lírico descreve uma torre sem degraus, e “alude à construção possível de um real em ruptura, sem pontos de referência ou apoio. A solidez da pedra é iluminada por imensos vazios lógicos e estruturais, na desierarquização grave e poética de uma escada que paulatinamente se constrói e se desmonta.” (1987-1988, p. 49) Em sua leitura, a autora enxerga nessa torre sem degraus um paradoxo, e muito brevemente recorre a Barthes, “que mostrou uma DOXA a permear a linguagem, a cultura e as mais diferentes relações” (1987-1988, p. 50). Campos se refere à *Aula*, tradução de *Leçon*, que foi publicada no Brasil em 1980, como apoio para sua análise do poema drummondiano, formulando uma proposta de subversão dos parâmetros tradicionais do conhecimento da realidade.

A essa menção solitária de um dos textos mais famosos de Barthes, juntam-se dois artigos que também ressaltam o caráter subvertor do escritor



francês. “A pessoa subvertida” (1994-1995) é um trabalho de José Luiz Fiorin sobre os usos de uma pessoa do discurso com o sentido de outra, ou seja, o emprego da terceira pessoa do singular pela primeira, por exemplo. Tal como Barthes faz em *Roland Barthes por Roland Barthes*, traduzido no Brasil em 1977, citado por Fiorin, quando o escritor escreve sobre si mesmo utilizando-se o pronome “ele” em vez do “eu”. A subversão barthesiana também aparece em “Roland Barthes e a escrita fragmentária” (1989), de Regina Pontieri, um estudo detalhado que alia ao fragmento como forma literária a ideia de modernidade, tendo como exemplo *Roland Barthes por Roland Barthes*. Para a autora, a escrita fragmentária do escritor francês, no livro mencionado, bem como em *Fragmentos de um discurso amoroso* e *Incidentes*, revela um sistema coeso, apesar de sua forma. Ou melhor, é na forma fragmentária, em que cada fragmento emana sentidos, que a coesão sistêmica da obra se consolida. Nas palavras da autora, “Adiante veremos que a multiplicação dos fragmentos, num jogo infinito de superposições de falas, responderá pelo funcionamento de *Roland Barthes por Roland Barthes* como forma de impedir a interrupção do fluxo do discurso, o coágulo ideológico” (PONTIERI, 1989, p. 90).

Pontieri, autora do único ensaio verdadeiramente consagrado a Barthes em *Língua e Literatura*, propõe três “portas de entrada” – leia-se “leituras” – de *Roland Barthes por Roland Barthes*, tendo por base sua estrutura fragmentária: “estruturação (que Barthes chama de *patchwork*), encenação, metalinguagem” (1989, p. 92). Sob a rubrica “estruturação”, a autora compreende fragmentos que aludam à própria construção do texto. Sob “encenação”, ela elenca fragmentos em que o escritor reflete sobre a natureza teatral do conceito de *escritura*. E sob “metalinguagem”, reconhecendo que a rubrica engloba as duas anteriores, Pontieri menciona fragmentos que tratam do funcionamento do livro, “não mais como processo de estruturação ou encenação, mas como movimento contínuo de encaixe de peças que falam umas das outras ou mesmo de outros livros do autor.” (PONTIERI 1989, p. 92-93).

À guisa de balanço final, a autora desenvolve reflexões sobre a escrita fragmentária barthesiana e a tradição do fragmento como forma literária, apontando para duas conclusões: por um lado, os fragmentos na obra de Barthes convidam o leitor a construir os sentidos do texto, o que caracteriza as obras modernas; por outro, a autora “vê no estilhaçamento da escrita a resultante da recusa do pensamento totalizante e totalitário” (PONTIERI, 1989, p. 97). Considerando esta a mais importante das duas conclusões, Pontieri coloca em relevo o Barthes que resiste à prisão da doxa por meio do livre exercício da literatura.

O *corpus* extraído de *Língua e Literatura* oferece um panorama relevante da recepção à obra de Barthes no seio de uma grande instituição universitária, a Universidade de São Paulo. De 1972 até 2011, a leitura dos ensaios e artigos publicados na revista permite destacar duas imagens do escritor: o teórico estruturalista e o teórico textualista pós-moderno, nuançadas pelas imagens



mais vagas do teórico do prazer do texto e do autor que escreve sobre os temas mais diversos. Aparece, ainda que timidamente, uma outra faceta do escritor celebrado pela pós-modernidade, o crítico da doxa, imagem predominante de Barthes na literatura acadêmica dos anos 2000 em diante.

Além de desvelar essas imagens do escritor, o estudo de sua presença na revista permite traçar os perfis dos universitários que contribuíram para *Língua e Literatura*: o primeiro momento reflete o encantamento dos intelectuais pela objetividade, pelo método, pelas classificações do estruturalismo; ao contrário, o segundo momento evidencia o interesse pela subjetividade, pela subversão da ordem, pela liberdade pós-moderna, o que aponta para a direção atual seguida pelo estudo da teoria literária na universidade. Em todos os tempos, sempre a presença das muitas vozes de Barthes – pois cada texto comporta uma diferente – dialogando com os intelectuais brasileiros, integrando seus argumentos, suas escritas.

Referências bibliográficas

ANDRADE, M. L. da C. V. de O. Digressão: palavra desviante ou estratégia argumentativa?. *Língua e Literatura*, São Paulo, n. 23, p. 121-149, 1997.

BARTHES, R. *Œuvres complètes*. Edição de Éric Marty, 5 volumes. Paris: Seuil, 2002.

_____. *Essais critiques IV. Le Bruissement de la langue*. Paris: Seuil, 1984.

_____. “A morte do autor”; “Da obra ao texto”. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira, rev. Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. “A retórica antiga”. In: COHEN, Jean *et al.* *Pesquisas de retórica*. Petrópolis (RJ): Vozes, p. 147-221, 1975.

_____. *Análise estrutural da narrativa* (seleção de ensaios da revista *Communications* nº 8, 1966). Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

_____. *Mythologies*. Edição ilustrada estabelecida por Jacqueline Guittard. Paris: Seuil, 2010.

BERNARDINI, A. F. Do prazer e do divertimento – Estudo sobre Barthes e Palazzeschi. *Língua e Literatura*, São Paulo, n. 6, p. 37-42, 1977.

CAMPOS, M. do C. Borges e Drummond em seita blasfema: a biblioteca e a torre. *Língua e Literatura*, São Paulo, n. 16, p. 43-52, 1987-1988.

CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, 2 volumes. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 2000 (1959).

CARONI, I. “Fábula e trama”. *Língua e Literatura*, São Paulo, n. 3, p. 157-170, 1974.



- CHIAPPETTA, A. “Não diferem o historiador e o poeta...” O texto histórico como instrumento e objeto de trabalho. *Língua e Literatura*, São Paulo, n. 22, p. 115-34, 1996.
- CORTEZ, I. C. Narração e metalinguagem em *Grande sertão: veredas*. *Língua e Literatura*, São Paulo, n. 2, p. 63-91, 1973.
- DANTAS, I. “Os índices da peça de teatro: *Deus lhe pague*”. *Língua e Literatura*, São Paulo, n. 4, p. 205-223, 1975.
- DOSSE, F. *História do estruturalismo*. Trad. Álvaro Cabral, rev. Márcia Mansor D’Alessio, 2 vol. Bauru (SP): Edusc, 2007.
- DURÃO, F. A. *Teoria (literária) americana: uma introdução crítica*. Campinas (SP): Autores Associados, 2011a.
- _____. Do texto à obra. *Alea*, Rio de Janeiro, vol. 13, n. 1, p. 67-81, jan.-jun. 2011b.
- ECHEVERRÍA, L. N. “Há cavalos noturnos: mel e fel”. *Língua e Literatura*, São Paulo, n. 2, p. 31-47, 1973.
- _____. Tres novelitas burguesas y lo aleatorio de los eventos. *Língua e Literatura*, São Paulo, n. 7, p. 157-174, 1978.
- FIORIN, J. L. A pessoa subvertida. *Língua e Literatura*, São Paulo, n. 21, p. 77-107, 1994-1995.
- FONSECA, C. A. da. O signo entre o texto e o contexto (projeto de uma análise integral). *Língua e Literatura*, São Paulo, n. 4, p. 33-58, 1975.
- GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural: pesquisa de método*. Trad. Hakira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1976 (1966).
- HEISE, E. D. P. A escritura de Günter Eich enquanto epifania. *Língua e Literatura*, São Paulo, n. 9, p. 117-122, 1980.
- HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Trad. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2009 (1968).
- LEITE, L. C. M. Mestre em tempo do contra. *Língua e Literatura*, São Paulo, n. 8, p. 147-164, 1979.
- MACHADO, I. A. Texto como enunciação. A abordagem de Mikhail Bakhtin. *Língua e Literatura*, São Paulo, n. 22, p. 89-105, 1996.
- MARINHO, M. C. N. Representação das linguagens sociais no romance: desencontro cultural e ideológico em *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. *Língua e Literatura*, São Paulo, n. 22, p. 123-135, 1996.
- NÓBREGA, M. H. da. Jorge Luis Borges: o sentido latente no leitor. *Língua e Literatura*, São Paulo, n. 20, p. 137-142, 1992-1993.
- PAIS, C. T. Algumas reflexões sobre os modelos em linguística. *Língua e Literatura*, São Paulo, n. 9, p. 89-116, 1980.



PASTA Júnior, J. A. Um projeto de Pierre Menard. *Língua e Literatura*, São Paulo, n. 4, p. 285-304, 1975.

PERRONE-MOISÉS, L. *Com Roland Barthes*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

_____. Les modes de l'action dans *Le Rouge et le noir*. *Língua e Literatura*, São Paulo, n. 1, p. 185-203, 1972.

PONTIERI, R. Roland Barthes e a escrita fragmentária. *Língua e Literatura*, São Paulo, n. 17, p. 81-98, 1989.

SANTILLI, M. A. Em Camões e nos poetas inconfidentes: uma questão de tópica e/ou de influência literária. *Língua e Literatura*, São Paulo, n. 5, p. 229-246, 1976.

VARA, T. P. Correspondências. *Língua e Literatura*, São Paulo, n. 17, p. 181-196, 1989.

WILLEMART, P. Psychanalyse et traduction. *Língua e Literatura*, São Paulo, n. 4, p. 505-509, 1975.

_____. La jouissance singulière de Swann et la petite phrase de Vinteuil. *Língua e Literatura*, São Paulo, n. 15, p. 163-170, 1986.

Recebido em: 19/02/2015 **Aceito em:** 30/04/2015

Referência eletrônica: BRANDINI, Laura Taddei. Roland Barthes na revista *Língua e Literatura* (USP). Revista *Criação & Crítica*, n. 14, p. 76-90, junho 2015. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mm aaaa.